PLAYLIST

SEX, DRUGS, ETC. | Beach Weather
MAKING THE BED | Olivia Rodrigo
IN THE FLESH? | Pink Floyd
I KNOW ? | Travis Scott
THE GREATEST | Billie Eilish
MIRRORBALL | Taylor Swift
BACK TO BLACK | Amy Winehouse
WONDERING WHY | The Red Clay Strays
LAY ALL YOUR LOVE ON ME | ABBA
COLD | Chris Stapleton
THE WALLS | Chase Atlantic
SPORTS CAR | Tate McRae
I WANNA BE YOUR SLAVE | Måneskin
STARRY EYES | The Weeknd
NOTHING'S GONNA HURT YOU BABY | Cigarettes After Sex
THE SPINS | Mac Miller and Empire of the Sun
COMING DOWN | The Weeknd
SOMETHING THAT I WANT | Grace Potter
IMPERFECT FOR YOU | Ariana Grande
BLOOM | The Paper Kites

Para quem já teve de se recompor,
mesmo quando as peças já não encaixam.

1 | DYLAN

— Falhaste no teu teste *antidoping*.

Foda-se.

Com o telemóvel encostado ao ouvido, deixo cair a cabeça sobre o volante, sentindo a marca fria do couro na minha testa, enquanto luto contra a vontade de lhe bater até me esquecer de tudo o que correu mal desde que ontem pus os pés no *campus*.

A Universidade de Dalton está oficialmente de volta ao ativo. Bem, as aulas podem só começar dentro de alguns dias, mas o hóquei definitivamente já começou. Ao contrário dos treinadores de outras escolas, o treinador Kilner insiste em fazer todas as apresentações cedo, determinado a não perder tempo precioso de treino. Imagino que ele acorde todas as manhãs com suores frios, a verificar obsessivamente se ainda detém o recorde de maior número de vitórias consecutivas nas Frozen Four.

Por isso, ouvir aquelas palavras que vão alterar a minha vida, por telefone, às seis da manhã, do Vik Chopra, um jovem estudante de medicina, dá-me uma sacudidela forte o suficiente para fazer desaparecer a ressaca. Uma ressaca que eu não deveria ter, para começar.

O Vik, que é voluntário no Hospital Universitário de Dalton, é o primeiro a saber tudo o que está relacionado com a saúde nos desportos universitários. Ele foi um dos candidatos à Kappa Sigma Zeta no ano passado e eu ajudei-o a entrar na nossa república. Por isso, esta chamada é uma espécie de declaração de «dívida saldada».

A festa de há uma semana, mesmo antes dos testes *antidoping* da pré-época, era composta por corpos suados, bebidas e nuvens de fumo de marijuana. A típica festa de faculdade — embora as festas que organizei tenham sido muito mais loucas —, mas não me lembro de nada a não ser duas raparigas, uma morena e uma de cabelo rosa, que queriam muito que eu visse o quarto delas. Foi ótimo, quero dizer, é sempre assim quando estou envolvido, e não dormimos nada nessa noite. Foi por isso que acordei a meio da tarde, com o sol na cara e marcas de corda no pulso.

A minha memória falha, mas acho que é melhor não me lembrar exatamente de quão bêbedo fiquei, e se me entreguei a muito mais do que apenas uísque e cerveja. Claramente, foi o que fiz.

O que me lembro — *vividamente* — é da conversa que tive com os meus pais mesmo antes de sair de casa. Desliguei-lhes a chamada a meio da conversa e foi nessa altura que o Tyler Sampson, o nosso capitão suplente, me enviou uma mensagem sobre a festa. Se não tivesse ficado tão irritado com a chamada, teria tido o bom senso de recusar o convite. O meu primeiro sinal de que este semestre de outono estava a ter um mau começo devia ter sido o facto de eu ter ido de livre vontade a uma festa da *Yale*.

— Há alguma coisa que possas fazer? — pergunto.

Por outras palavras: *Enterra isso*.

É pedir muito ao Vik, tendo em conta que ele está cá com uma bolsa de estudo e é o responsável pela filantropia da nossa república. O tipo organiza angariações de fundos e supervisiona as festas da república por pura bondade. Ele é o tipo de gajo com quem podes deixar uma bebida, e eu sou o tipo de gajo que bebe a tua bebida. Ele é um maldito santo. A irmã dele, por outro lado… bem, digamos que é por causa dela que estou no parque de estacionamento da residência Iona House às seis da manhã. Mas não lhe digo isso.

— Sabes que eu faria qualquer coisa por ti, D — diz o Vik com um suspiro pesado. — Mas até um teste inconclusivo pode levantar suspeitas. De qualquer forma, o diretor desportivo e o teu treinador vão receber um *e-mail* sobre isto. — Ouve-se uma série de cliques no teclado. — Posso manter os teus resultados privados por enquanto e ver o que posso fazer.

— Agradeço-te, meu. Manda-me uma mensagem com as novidades. — Deixo cair o telemóvel na consola central do meu carro. Se isto se espalha, estou lixado. Ter sido recrutado para Nova Iorque no mês passado não significa nada, já que não assinei um contrato. Nada como falhar num teste *antidoping* para nos trazer de volta à realidade.

O sol ainda estava a nascer quando me afastei da Iona House. Ontem à noite, a Mehar, a irmã do Vik que faz parte da equipa de mergulho, convidou-me para a festa de pré-época da sua equipa. Disse-me que lhe fazia lembrar o Nicolas Vasquez, um jogador de futebol por quem é obcecada. Não me importei nem um bocadinho quando me convidou a entrar no quarto dela. Mas, afinal, não era o nome do Nicolas que estava nos seus lábios enquanto as suas mãos percorriam o meu corpo e as suas pernas me envolviam a cintura.

Quando entro na casa de hóquei — o meu refúgio fora do *campus* porque me recuso a ficar na casa da república — encontro o Kian de bruços no chão da sala de estar. Tem um manual aberto em cima da mesa de centro e uma tigela de cereais de trigo já moles.

O Kian Ishida e eu somos amigos desde o segundo ano. Na altura em que eu ainda pensava que ele era o miúdo novo e calado, acabado de se mudar do Japão para Connecticut para viver com a tia. Desde então, ficámos de castigo mais vezes do que posso contar e entrámos na Dalton por um triz.

Ontem, prometemos que esta era a nossa última festa e que não íamos fazer merda este semestre. O nosso último semestre foi péssimo porque o treinador Kilner nos torturou durante toda a época quando Yale destruiu o nosso *campus* depois de os termos convidado para uma festa. Por isso, apesar de o Kian ter cantado clássicos do *karaoke* nas bancadas de uma festa ontem à noite, ainda arrastou o seu rabo de ressaca para fora da cama esta manhã para pôr em dia a leitura do semestre seguinte.

— Que estás a fazer? — pergunto.

— Estou no meu momento de chão. — As palavras dele são abafadas pelo tapete persa.

— Esse tapete está imundo. — Estava aqui *antes* de nos mudarmos para a casa, e as festas que fizemos desde então não ajudaram o que quer que seja que está a viver naquela coisa.

— Eu também — responde ele. Depois, de repente, levanta-se, tentando agarrar no telemóvel. — Perdi o meu grupo de estudo? — Ele suspira alto quando percebe que ainda é cedo.

Na cozinha, vasculho o frigorífico, já sabendo que é um cemitério de sobras questionáveis. Frascos de condimentos meio acabados, leite, um pão velho e um pouco de sumo de laranja.

O Kian entra na cozinha.

— Porque é que te levantaste tão cedo? O treino é só à tarde. Mas o Sebastian e o Cole já estão no rinque; não querem correr o risco de chatear o Kilner.

Isso explica porque é que os nossos outros dois colegas de casa, e recém-chegados ao escalão sénior, não estão em lado nenhum. Este é o primeiro semestre em que a casa parece vazia, dado que o Aiden Crawford, o nosso anterior capitão, e o Eli Westbrook, o nosso defesa, foram para equipas profissionais. Se eu e o Kian não tivéssemos passado os últimos quatro anos a relaxar, à espera de sermos recrutados cedo, estaríamos com eles. Em vez disso, estamos aqui presos, a terminar este último semestre, porque decidimos adiar o nosso estatuto como agentes livres para o caso de a contratação não nos correr bem. Felizmente, correu bem, mas ainda estamos aqui a terminar os nossos cursos antes de sermos chamados no próximo ano.

— Acabei de chegar a casa. — Acabo um pacote de sumo de laranja meio vazio. Seria um idiota se desse ao Kian uma suspeita de que posso ter acabado de destruir toda a minha vida e a equipa. O tipo é um bocado obsessivo a resolver os problemas dos outros, e isso é a última coisa de que preciso neste momento.

— Estavas com a Crystal? Vocês estavam muito próximos ontem à noite.

Não me lembro de nada além de acordar com alguém que definitivamente não se chamava Crystal. No entanto, estou a ter *flashes* vívidos do Kian a arrancar a camisa porque esta estava a arder, e depois de todos a saltarem para a piscina. Isso explica porque é que estou a usar uma *T-shirt* que não é minha. Provavelmente também me atirei para a piscina.

— Estás bem? — pergunta ele quando eu não respondo.

Ele está a observar-me como um falcão, à espera de que eu diga alguma coisa que explique a razão de ter chegado a casa tão cedo. Depois da mensagem do Vik que dizia para lhe ligar, saí da Iona e entrei no meu carro.

— Porque é que não havia de estar?

— Estou só a confirmar. — Ele encolhe os ombros. — A propósito, isto chegou para ti. — O Kian entrega-me um envelope branco e, no momento em que vejo o pretensioso brasão da família Donovan, quase o esmago no punho.

— Obrigado — murmuro.

— Parece superchique. O que é?

O meu maxilar aperta-se quando penso na videochamada da semana passada, com os meus pais a sorrirem largamente — o sorriso fraco da minha mãe e o sorriso forçado do meu pai, apertados um contra o outro no ecrã, como se estivessem a tentar enganar-se a si próprios. Tinham falado em recomeçar, em tornar a família no que costumava ser, como se nada tivesse acontecido. Desliguei antes que pudessem terminar.

Como é que a minha mãe podia ficar ali sentada e esquecer todas as noites sem dormir, os dias em que não comia, como eu tinha de a alimentar a ela e à minha irmã mais nova, a Ada, nos dias em que ela nem sequer conseguia encará-la?

— Não é importante. — Dirijo-me para o meu quarto antes que ele faça mais um milhão de perguntas. Atiro o envelope para a minha secretária e ele cai atrás da fotografia emoldurada da Ada e eu na nossa última competição de patinagem a pares. Costumávamos adorar esse tempo juntos, até percebermos que a nossa mãe era a única que aparecia nessas competições.

Dirijo-me diretamente para o duche, ansioso por me livrar da roupa manchada de cerveja e com cheiro a marijuana da noite passada. O meu quarto não tem nada de especial, mas o chuveiro é o meu santuário. Quando os avós do Aiden lhe compraram esta casa no primeiro ano, ele não hesitou em oferecer-nos a todos um lugar para ficar, completamente livre de renda, apesar de eu ter insistido em pagar a renda inúmeras vezes. Estou-lhe grato, sobretudo porque, tecnicamente, sou um membro ativo da Kappa Sigma Zeta.

Não estava nos meus planos ficar tão bêbedo durante a semana de receção que, acidentalmente, me tornei membro e fui aceite na hora. O Kian, por outro lado, tentou candidatar-se, mas não conseguiu. Não se calou sobre isso durante semanas.

Quando me enfio no chuveiro, a água molha-me o cabelo e a espuma do sabão desliza pelo meu corpo. O barulho na minha cabeça por conta das notícias do Vik, do convite dos meus pais e da bebedeira de ontem à noite dissolve-se com cada jato de água. Este é o único sítio onde posso respirar e fingir que tenho tudo controlado; nunca ninguém esteve aqui comigo, e é assim que eu gosto.

Quando já estou vestido, o Kian está a bater à porta.

— O treino foi adiantado! — grita ele. — Estou no carro à espera.

***

O som agudo do apito do treinador atravessa a minha ressaca.

— Isso pareceu-vos digno de uma equipa da primeira divisão? Pelo amor de Deus, os juvenis jogaram melhor do que vocês hoje.

— Para ser justo, os juvenis são muito bons — digo.

— Tem de nos dar um desconto, treinador. Acabámos de chegar das férias de verão. Sabe como é. — O Kian pisca o olho e patina até ao Kilner para lhe dar um murro de brincadeira no estômago.

O treinador pode ser mais lento sobre os patins hoje em dia, mas facilmente venceria qualquer um de nós num jogo de um contra um. Ele ignora a pancada e, felizmente, não parte a mão do nosso lateral-direito.

— No próximo treino, quero que entrem como se não tivessem andado a brincar durante todo o verão. O vosso novo capitão vai certificar-se disso, certo, Dylan?

Hã?

— Não quer dizer Sampson?

O Tyler Sampson, o nosso capitão suplente agora que o Aiden se foi embora, abana a cabeça. Apesar de ter passado quase todos os dias deste verão com o Sampson, as nossas conversas raramente se aventuraram além de façanhas de bêbedos. Era simples. Ficávamos bêbedos e depois fazíamos tudo de novo.

— Vou deixar de ser capitão — diz ele, e todos ficam em silêncio. — Com o curso de Direito não tenho muito tempo, por isso não posso ser o capitão de que esta equipa precisa. E o nosso voto faz de ti capitão.

Voto? Quando raio é que votámos?

— Se falhaste a votação, perdeste o direito de reclamar — diz o treinador.

O Kian patina para trás, esbarrando contra mim.

— Lembras-te da festa de aniversário do Aiden no outro semestre? Não foste ao treino no dia seguinte, e foi aí que fizemos a votação.

A lembrança daquela noite aperta-me as entranhas. Foi em fevereiro, quando a minha mãe me telefonou a chorar por causa do meu pai. Como ele nunca estava em casa, e como estava farta de tudo aquilo.

Viro-me para ver os rapazes a olhar para mim como se isto fosse normal, e então percebo que a maior parte destes idiotas estão em repúblicas. Na minha tentativa de me envolver mais com a equipa e com a minha república, tomei alguns deles sob a minha alçada. Praticaram comigo nas minhas sessões a solo, mas não era *esta* a minha intenção. Tornei-me o raio do messias deles.

— Deem as boas-vindas ao vosso novo capitão, Dylan Donovan.

Os aplausos e gritos ecoam pelo rinque, e eu ainda nem sequer processei esta merda. *Capitão?* Foda-se, não.

— Treinador, não pode estar a falar a sério.

— Eu não controlo a votação. É o que os teus colegas de equipa querem. E considerando que vais para Nova Iorque no próximo ano, vais querer aprender alguma liderança e disciplina.

Pois, acho que vou vomitar. As palavras dele são um alfinete num balão já esvaziado.

— Não tenho escolha?

— Está na altura de te impores, Donovan. Chega de brincadeiras.

Tenho de lhe contar sobre o teste *antidoping*. Tenho de dizer *alguma coisa*, mas uma parte de mim tem esperança de que o Vik me safe e eu fique livre desta confusão.

— As novas diretrizes serão apresentadas no próximo treino. Estão dispensados — termina o Kilner.

No balneário, os rapazes cantam «Duplo D!» até eu estar prestes a perder a cabeça. Tiro o equipamento; a minha frustração transborda enquanto olho para a minha camisola. Em tempos, consegui ver um *C* de capitão estampado nela. Mas esse sonho desvaneceu-se no momento em que fui rotulado de *imprudente* e *violento* por todos os comentadores e árbitros.

O Kian aproxima-se de mim com um sorriso envergonhado.

— Votei em ti como piada.

— Pois, mas a tua piada é a minha realidade.

Ele afunda-se no banco ao lado do meu cacifo.

— É só um semestre. Não pode ser assim tão mau.

Quando não aguento mais, dirijo-me ao gabinete do Kilner, passando pelos rapazes que me felicitam à saída. Mas quando estou prestes a irromper pela porta, faço uma pausa.

A cara de desapontamento do Kilner é pior do que qualquer outra coisa que eu já tenha suportado. E não posso dizer-lhe porque é que esta cena de capitão é uma má ideia. Não até que eu consiga lidar com essa coisa do teste *antidoping*.

Afasto-me da porta quando o Kian esbarra contra o meu ombro, puxando-me de volta à realidade, onde ninguém sabe o quanto estraguei tudo. Ainda.

O Kian olha de relance para o telemóvel.

— Sei que andamos a comportar-nos bem — sussurra —, mas a Beta Phi vai dar uma festa esta noite.

Eu não devia, não com tudo em jogo, mas que se lixe, isso é um problema para amanhã.

— Alinho! — digo.

2 | SIERRA

A minha cabeça bate no gelo e oiço o estalar do meu crânio antes de a minha visão escurecer.

O grito de pânico da minha mãe atravessa o caos, a sua voz mistura-se com a cacofonia do barulho que me rodeia. Os meus patins parecem feitos de chumbo quando fico imóvel no gelo, com o corpo todo dormente. O mundo aparece e desaparece. Oiço o implacável e agudo som de uma ambulância.

— *Sierra.* — Sou arrancada da escuridão do meu pesadelo, como se tivesse irrompido da superfície de um lago gelado. A minha respiração é ofegante e superficial, presa sob o peso das memórias salpicadas de vermelho.

— Sierra. — O som familiar de uma voz puxa-me de volta, seguido de um toque frio no meu pescoço, empurrando-me para uma posição sentada. — Estás bem, já passou. Estás em segurança.

Estás em segurança.

Essas palavras ecoam, abafadas pelo zumbido nos meus ouvidos que é mais alto do que as sirenes que ainda agora soavam. Abro os olhos, sento-me na cama e encontro o candeeiro da secretária a lançar um suave brilho amarelo no meu quarto.

A Scarlett senta-se ao meu lado, com o cabelo vermelho-cereja preso em duas tranças frouxas, enquanto pressiona um saco de gelo na parte de trás do meu pescoço. A humidade envia uma gota de água gelada pela minha espinha e afasta-me dos meus pensamentos. Abraço os

joelhos contra o peito; o edredão levanta-se com o movimento até eu apoiar a cabeça nos joelhos.

— Desculpa — sussurro, tentando concentrar-me na minha respiração.

Respiração. É algo tão automático, mas preciso de me lembrar de o fazer. É patético.

Acordo assim todas as noites desde que nos mudámos para o *campus*, há três dias. Normalmente saio disto sozinha, mas hoje a Scarlett deve ter-me ouvido através das paredes finas da residência.

Ela dá-me um copo de água e, com uma mão trémula, pego nele e bebo-a. A água passa por mim como um choque frio, afrouxando a minha postura rígida.

A sua pulseira de amuletos tilinta enquanto me massaja as costas.

— Stressada por causa de hoje?

Hartford, Connecticut, é onde fica a Universidade de Dalton, e eu vivi nesta cidade toda a minha vida. Foi na arena da universidade que patinei pela primeira vez. E quando o programa de patinagem artística da Dalton se tornou elegível para a União Internacional de Patinagem, eu sabia que ia participar.

Hoje é o meu primeiro dia oficial de regresso ao gelo desde o acidente. Depois de seis semanas no Hartford General no ano passado, parece que foi há uma vida inteira, e é no mundo da patinagem. Colchões de queda, ginásio, pilates, *ballet*, natação — o que quer que seja, tenho-o feito. Uma parte de mim sabe que toda a preparação para voltar ao gelo é uma distração, mas já não consigo fugir. Antes de o rinque se tornar cruel e implacável, era a minha casa, e eu estive afastada durante demasiado tempo.

— Provavelmente é só o meu corpo a preparar-se para levar com os gritos da Lidia durante duas horas — digo.

— Se alguém o consegue, és tu, Si. Mas não quero que ponhas tanta pressão no teu corpo depois de tudo. Também te devias divertir um pouco. Isto não pode ser bom para a tua recuperação.

— Já passou mais de um ano. Já estou recuperada.

A Scarlett levanta as sobrancelhas, e eu caio de novo na cama. As minhas agulhas de tricotar, que enfiei num novelo de fio amarelo antes de me deitar, rolam pelos meus pés.

— A sério, sinto-me ótima. Só quero voltar a ser o que era. — Quando podia fazer o que queria sem que o meu cérebro me impedisse. Quando não tinha medo.

— Ainda bem, porque as raparigas do outro lado do corredor perguntaram se queríamos boleia para a festa.

Quase gemo. A famosa festa de boas-vindas da república Beta Phi. A ex-república da Scarlett. A minha melhor amiga é a última pessoa que se esperaria que entrasse para esse grupo, com as suas tatuagens e o seu cabelo de cor viva, mas era um ótimo membro. Sei disso porque, quando ela se retirou, as outras raparigas da república enviaram-me mensagens a implorar que a convencesse a voltar.

A Scarlett frequentou algumas aulas *online* nesse semestre, sentando-se ao meu lado enquanto eu via o The Weather Channel com a mente desligada no quarto do hospital. Alguns dias, implorava-lhe que se fosse embora, que não me deixasse arrastá-la para baixo, mas ela nunca me dava ouvidos. Nem mesmo quando lhe dizia coisas por raiva, das quais me arrependo até hoje. A Scarlett nunca me deixou. Ela estava lá, estacionada à porta de cada sessão de terapia. Foi nessas viagens para casa que falámos em regressar ao *campus* e morar juntas numa residência universitária no nosso último ano. Até agora, isso significa tetos manchados de água e pé de atleta contraído nos chuveiros comuns.

— É uma festa néon e elas têm sempre bebidas ótimas — diz ela, tentando vender a ideia.

— Só se me emprestares a tua saia branca — concedo.

Ela ilumina-se instantaneamente, e é contagiante. É a primeira vez que olha para mim com verdadeiro entusiasmo desde as sombras que cobriram o último ano. Tenho de fazer isto por ela.

— Claro, mas para que conste, podias usar essa combinação de calças de fato de treino e *T-shirt* velha e continuavas a ser uma brasa. — Ela desliga o candeeiro, mas detém-se à porta para me piscar o olho.

Rio-me, mas isso não ajuda em nada a atenuar a ansiedade que me sobe pela garganta.

***

— Este rinque pertence-te — digo a mim mesma, olhando para o espelho retrovisor do meu carro.

O exercício de respiração não afrouxa o aperto firme no volante. Estou no meu carro há meia hora, a ver a equipa de hóquei a sair da arena como uma idiota. A música que toca no carro alimenta o meu ímpeto e, antes que possa mudar de ideias, coloco o meu saco desportivo ao ombro e saio.

Inspira e expira, Sierra. Uma nostalgia negra cobre-me como alcatrão ao ver a arena. Engulo o caroço na garganta, dou um passo hesitante em frente e depois recuo dois passos. Se alguém estivesse a ver, pensaria que enlouqueci. Às vezes parece que sim.

Os meus pés mantêm-se enraizados enquanto tento lutar contra o fluxo de memórias que me puxam de volta ao ano passado. Mas o esforço é inútil; elas voltam sempre.

Depois, as portas abrem-se com um guincho. O tipo que sai é tão grande que ocupa toda a entrada. Parece que está perdido no seu próprio mundo, mas quando me vê, segura a porta. É grande, de ombros largos, provavelmente um jogador de hóquei, a julgar pelo enorme saco de equipamento. O seu cabelo castanho ondulado está despenteado, como se tivesse passado as mãos por ele centenas de vezes. É o tipo de jogador de hóquei da NCAA que se vê nas redes sociais, com inúmeras contas de fãs e um contrato brilhante da NHL a apoiá-lo.

Nervos à parte, esperei no meu carro para evitar exatamente esta interação, mas é uma bênção porque agora tenho de entrar. Depois de algumas afirmações sussurradas, percebo que ele ainda me está a observar, com os olhos castanhos a traçar os meus lábios. Olha para mim como se eu estivesse a lançar feitiços.

— Vais entrar? — pergunta com uma voz profunda e grave. Ele segura a porta mais aberta como se eu estivesse a ter problemas de audição. A visão do corredor azul faz o meu coração bater como uma bomba-relógio, ameaçando encolher-me na posição fetal. Céus, isso seria embaraçoso.

— Se eu largar, a porta vai trancar-se — diz ele, mais suave agora.

Pestanejo.

— Não mordo, se é isso que te preocupa. — Os lábios dele inclinam-se num sorriso lento. — *Prometo*.

Ele diz isso como se quisesse que eu descobrisse se é verdade. A antiga Sierra teria uma resposta sarcástica para o arrogante jogador de hóquei, mas eu já não sou ela há muito tempo. Passo por ele e entro no rinque.

— Diverte-te — comenta ele descontraidamente, deixando as suas palavras a pairar como um eco.

Dirijo-me ao balneário, calço os meus patins e encosto-me ao cacifo, murmurando afirmações. Não demora muito até começar a divagar.

As memórias ensanguentadas voltam a fazer de mim refém. O rosto da minha mãe cheio de lágrimas e os seus apelos desesperados por mim, uma e outra vez…

— *Devushka.*

Desperto de repente e a minha cabeça bate contra o cacifo. A corrente de ar frio e o cheiro a cloro envolvem-me de uma só vez e levanto o olhar para encontrar a treinadora Lidia Orlov. Cabelo castanho-escuro, sobrancelhas arqueadas e lábios comprimidos numa linha fina de preocupação.

Raios. Está a acontecer outra vez. Depois desta manhã, tentei todas as minhas técnicas de acalmar. Respiração, contagem, acupuntura psicológica e tricotar. Mas esta última já se tornou um exagero, dado que tricotei cachecóis suficientes para manter uma pequena família quente.

— Se isto é demasiado para hoje, podemos tentar outra vez na próxima semana — diz a Lidia.

A sua pena é uma faca afiada nas minhas entranhas. É o mesmo olhar que toda a gente me tem feito desde o acidente. Como se eu me tivesse tornado uma coisa frágil. Demasiado *fraca* para ser o que já fui. Aparentemente, não posso rachar a cabeça no gelo e cair em cima do patim do meu par, sofrendo um colapso pulmonar, sem que as pessoas me tratem de forma diferente.

— Estou pronta. Só não dormi muito na noite passada. — Ou em qualquer outra noite, mas não lhe digo isso. Não posso deixar que outra pessoa desista de mim.

— Como está isto? — A Lidia bate com a mão na sua testa, ainda a examinar-me.

O meu cérebro? Oh, uma confusão do caraças.

— Melhor do que um computador — digo. Se esse computador tivesse caído e se tivesse partido em pedacinhos; depois espalhados por Connecticut à espera que eu os encontre e junte de novo.

Com isso, coloco as proteções nos patins e atiro-me para fora do banco, puxando os *collants* e sentindo o peso familiar da minha pulseira de tornozelo. Não sei porque é que ainda a uso, dado que foi o meu antigo par que ma deu. Mas é um amuleto da sorte, e a única vez que me esqueci dela, na mesinha de cabeceira do hotel dele, foi no dia em que caí. Vá-se lá saber porquê.

O gelo deve temer-te. A minha visão agressiva da sessão de patinagem de hoje deve-se ao propranolol. O comprimido cor-de-rosa que engoli esta manhã é a única razão pela qual as minhas pernas ainda não cederam. O meu peito quase já não está num torno, e não entrei em espiral. E não vou entrar. Hoje não.

Até liguei para a farmácia da clínica desportiva do *campus* para pedir uma recarga, uma vez que só o tomo quando necessário. E, claramente, é necessário. Mas por muito que precise do comprimido, não consigo deixar de o ver como uma muleta. Algo que o meu antigo eu nunca teria tomado.

— Faz aquilo com que te sentes confortável — diz a Lidia quando entro no gelo. A mulher é conhecida por ser tão fria como um inverno russo, mas agora está a *cuidar* de mim. *O gelo não morde, Sierra.* A velha voz da Lidia ainda ecoa alto na minha cabeça. *Com este ritmo, o nivelador de gelo vai atropelar-te.*

A minha primeira volta é confiante, ou pelo menos finjo que é. Mas no momento em que tento fazer um salto *toe loop* tudo se desmorona. A minha aterragem é instável e de principiante, nada parecida com a de uma antiga atleta olímpica. No salto seguinte quase não saio da pista, uma tentativa de merda que me aperta o nó no estômago e me faz arder a parte de trás das pálpebras. *Não chores.*

Cerca de uma hora passa numa névoa de movimentos amadores e personificação do Bambi no gelo, enquanto me forço a não deixar cair as lágrimas de frustração. O meu primeiro treino de volta e todas as promessas que fiz à Lidia já começaram a desfazer-se.

Para minha surpresa, ela não parece zangada. Nem sequer um bocadinho.

— É um bom começo. Nada que uns treinos não resolvam. Desde o teu hiato… — acho que chamá-lo assim soa melhor do que *experiência de quase-morte* — tenho trabalhado num esquema…

— Vou patinar em par. — É assim desde que deixei de patinar a solo aos dezasseis anos. Há quatro anos. Não vou voltar atrás.

A Lidia inclina a cabeça.

— Não sabia que tinhas um novo par.

Pois, o problema com os acidentes anormais que quase acabam com a nossa carreira é que ninguém quer fazer par connosco. Depois de o meu antigo par, o Justin Petrov, me ter deixado cair como uma batata quente — literal e figurativamente —, tornei-me um risco aos olhos da comunidade de patinadores.

Quando mudei para pares, escolhi o Justin porque ele era bom, e só me associei a pessoas que pudessem corresponder a isso. Nunca me mudei por ninguém a não ser ele.

— Não tenho — digo, e a cara dela contorce-se. — Mas tenho andado à procura!

Embora a minha pesquisa *online* só me tenha rendido homens assustadores a tentar atrair-me para as suas caves e patinadores que querem enrolar-se comigo, mas não fazer par comigo. Eu sabia que os patinadores eram supersticiosos, mas agora sou o raio de uma maldição.

— Lembras-te do Campo dos Campeões? Muitos desses patinadores estavam interessados em fazer par comigo. Não podes contactar os treinadores deles? — O Campo dos Campeões é para os melhores patinadores nacionais.

A Lidia pestaneja rapidamente. Ela só faz isso quando tem más notícias.

— Sierra, encontrar um novo par nesta fase da época é quase impossível. Não podemos contar com uns patinadores de há seis anos. A Universidade de Dalton exige que os patinadores estejam registados muito antes da sua primeira prova para se qualificarem para qualquer evento da USFS.

— Acredita em mim, eu sei. Eu também tenho procurado por conta própria, mas preciso da tua ajuda — imploro. — Não posso desistir. Além disso, não precisamos de alguém permanente. Se eu conseguir ter uma pontuação suficientemente alta para me qualificar para o Grand Prix, então podemos encontrar alguém novo para a próxima época.

— O Grand Prix? Como é que esperas fazer isso? — Os olhos dela arregalam-se. — Mal terias tempo para treinar. Os esquemas, os saltos, a química. Demora meses, por vezes anos, a aperfeiçoar. O teu par precisa de ter o mesmo horário de treino. Não se trata apenas de ti. Trata-se de confiança e de compreender os movimentos um do outro. Construir esse tipo de parceria num espaço de tempo tão curto já é difícil.

— Há meses que penso nisto, Lidia. No hospital, durante a fisioterapia, a terapia EMDR, no ginásio. Nem sequer estaria aqui se não fosse este sonho. — A minha terapeuta, a Dra. Toor, disse que a melhor forma de ultrapassar este obstáculo é saltá-lo. Estou determinada a fazer isso.

— Isto não vai ser como os teus treinos anteriores. Tens a certeza de que estás preparada para isto?

— Tenho de estar — digo, com a voz a ceder. — Preciso de provar que ainda consigo fazer isto. *Por favor*, Lidia. — Pareço desesperada, mas ela acena com a cabeça. Uma fita de vitória desenrola-se no meu peito. Desta vez vou conseguir; finalmente vou ser suficiente.

— Qualquer outra pessoa e eu nem sequer consideraria isto. — Ela abana a cabeça quando me viro. — E tu não podes ser picuinhas com o par…

— Não serei. Prometo! — apresso-me a dizer-lhe. — Não te vais arrepender.

— Eu sei — diz ela. — Agora faz outra vez esse esquema. Desta vez com garra.

A pequena vitória deve ter-me dado ânimo, porque desta vez o gelo parece um pouco menos assustador. Os meus movimentos continuam a ser uma merda e o meu coração continua a bater como se fosse ceder, mas a possibilidade de chegar ao final e mostrar a toda a gente que não sou uma maldição paira à minha frente como uma cenoura num fio.